

# A síndrome de Abracurcix ataca os tetos da cidade

*Desde que o teto do Ginásio Nilson Nelson caiu que Brasília vem sendo assombrada por goteiras e vazamentos*



Desde que o teto do ginásio de esportes Nilson Nelson caiu, no primeiro dia deste ano, Brasília passou a viver a síndrome de Abracurcix. Chefe da aldeia gaulesa onde mora Asterix, um dos mais populares heróis de histórias em quadrinhos, Abracurcix é um gordo trapalhão que confessa só ter um medo: que o céu caia sobre sua cabeça. Na versão brasiliense, o céu não cai, mas os tetos podem vir a baixo a qualquer momento, exatamente como aconteceu no ginásio.

O acidente do início do ano não deixou vítimas, já que o ginásio estava vazio, mas foi suficiente para que o governador Joaquim Roriz empreendesse uma verdadeira cruzada de caça às possíveis reincidências de queda. *Vistorias no teto do Teatro Nacional, Catedral, Rodoviária e Rodoferroviária*, entre outros, ganharam as manchetes dos jornais. Agora, qualquer goteira por menor que seja, pode ser um sintoma de desabamento iminente.

“O governador determinou que o secretário de Desenvolvimento Urbano fizesse uma total vistoria nos edifícios públicos com goteiras ou infiltrações”, explica o secretário de Comunicação Social do GDF, Fernando Lemos. Ele alerta, porém, que esta já era uma determinação antiga do governador e não foi uma consequência da queda do teto do ginásio. “O desabamento do ginásio não aconteceu por desleixo do governo anterior, já que era uma construção relativamente nova e sem grandes problemas de infiltração”.

Mas não deixa de ser curiosa a iniciativa do governo do Distrito Federal neste início de ano. Quem acompanha diariamente o noticiário da cidade pode ficar com a impressão de que todos os tetos estão prestes a cair. “Não resta dúvida de que isto funciona como uma resposta de mídia por parte do governo para reverter a péssima imagem que o desabamento do teto do ginásio deixa”, avalia o professor Wagner Rizzo, do Departamento de Áudio-Visuais e Publicidade da UnB. “Final de contas, uma vistoria normalmente não é notícia, já que se trata apenas de uma obrigação do governo”.

Já o professor Gunther Hartmut, responsável pela área de Psicologia Social e Ambiental do Departamento de Psicologia da UnB, pensa diferente: “Não sei se essa vistoria em massa funciona bem. Pode ser uma má propaganda, gerar um medo generalizado. Melhor seria fazer as vistorias e reformas e só depois dizer: olha, fizemos isso”.

Francisco Peçanha Filho, administrador do Teatro Nacional, que nos últimos tempos vinha se transformando no palco ideal para a encenação ao vivo do clássico do cinema “Cantando na Chuva”, é um dos que preferem não fazer alarde: “Não existe risco de o teto cair. Com o tempo, a impermeabilização fica velha e tem que ser trocada, o que é uma coisa natural. Mesmo porque se fosse uma coisa mais grave, não estaríamos sequer trabalhando aqui”.

Na Catedral, porém, o problema não foi o tempo, mas um serviço de impermeabilização malfeito. “A empresa responsável está refazendo tudo, já que havia nos dado uma garantia”, explica o Monsenhor Czeslaw, há sete anos no posto de pároco da Catedral. Czeslaw, apesar do nome complicado e da origem europeia, não lembra nem de longe o apavorado Abracurcix: “Não há perigo de que o teto caia, apesar das goteiras. Talvez daqui a uns 500 anos, afinal tudo cai um dia. Ao menos que os iraquianos joguem antes suas bombas por aqui”.

Mas é na Rodoviária, cuja estrutura de sustentação começou a ser vistoriada esta semana, que é possível encontrar uma legião de Abracurcix, alguns dissimulando o medo, outros deixando-o mais evidente. “Medo, a gente sempre tem”, conta Gilson Oliveira dos Santos, proprietário da lanchonete Popeye, na plataforma inferior. “Quando chove, tem vezes que nem dá para atender direito aqui no balcão porque desce um rio do teto”.

Do lado, em outra lanchonete, a Três Irmãos, o mineiro de Salinas, Joaquim Batista dos Santos, há dez anos trabalhando na rodoviária, não demonstra medo: “Cair, o teto não cai, porque tem estrutura para viver igual vida de urubu, 200 anos”.